

tesouros e maldições

rafael hoffmann



IMPRESSO EM SANTA CATARINA · NOVENO DE 2021

1ª edição
530 cópias

Nº



rafael hoffmann

tesouros e maldições

Copyright © MMXXI by Rafael Hoffmann

Capa e projeto gráfico..... RAFAEL HOFFMANN
Ilustrações da capa..... E. J. SULLIVAN
..... FREEPIK.COM
Mapa (pg. 361)..... FREDERICO OLIVEIRA
Revisão..... LUIS MANUEL ESTRELA DE MATOS

TRILHA SONORA

The Times They Are A Changin', de Bob Dylan.

Copyright © 1963, 1964 por Warner Bros. Inc.; renovado 1991, 1992 por Special Rider Music. Todos os direitos reservados aos proprietários da obra.

Ando Meio Desligado, de Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias.

Copyright © 1970 por Universal Music Ltda. Todos os direitos reservados aos proprietários da obra.

Casey Jones, de Robert Hunter.

Copyright © 1970 por Warner Records Inc. Comercializado por Rhino Entertainment Company, uma empresa Warner Music Group. Todos os direitos reservados aos proprietários da obra.

Box of Rain, de Robert Hunter.

Copyright © 1970 por Warner Records Inc. Comercializado por Rhino Entertainment Company, uma empresa Warner Music Group. Todos os direitos reservados aos proprietários da obra.

Eu Te Amo, Meu Brasil, de Eustáquio Gomes de Farias.

Copyright © 1970 por RCA Records, uma empresa Sony Music Entertainment. Todos os direitos reservados aos proprietários da obra.

Este livro foi produzido com recursos do prêmio *Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2020*, da Fundação Catarinense de Cultura.

Esta é uma obra de ficção baseada na livre criação artística e sem compromisso com a realidade. Mesmo que inspirada livremente em acontecimentos reais, esta obra não se refere a pessoas vivas, mortas, mortas-vivas, empresas, organizações, lugares, fatos ou situações reais, e sobre eles não emite opinião.

*Para meu avô, Alfredo Hoffmann
(in memoriam), através de quem
um livro com as lendas sobre o tesouro chegou
até mim, e para meus sobrinhos, a quem
passo minha versão sobre estas lendas.*

Prefácio

No final de 2019, quando meu amigo Rafael me entregou o envelope com os primeiros capítulos desse livro que você tem em mãos, logo pensei que ele teria criado uma narrativa incrível, pois vindo de um leitor serial como ele, não teria como ser diferente. Mas havia um detalhe que não me passou pela cabeça. Quando comecei a ler, logo me culpei por não pensar que esta história se passaria bem aqui, sob nossos pés.

Aprendemos desde cedo que o mágico só acontece fora das nossas terras e crescemos acreditando que as histórias e lendas nunca brotarão sob nossos pés. Não percebemos a riqueza na qual pisamos pois estamos sempre tentando olhar para além de nossas fronteiras, sem perceber e dar valor ao que está ao nosso redor.

Nasci nos anos de 1980 no sul de Santa Catarina, cercado por mitologias de outras culturas. Na escola, falava-se pouco sobre nossos mitos regionais e dava-se muito mais espaço aos épicos internacionais, ou de outros estados como o Saci, Mula-sem-cabeça e Curupira. Até mesmo quando a professora falava de algo local, não tinha o mesmo brilho e empolgação quando contava sobre os mitos gregos ou as guerras europeias. Salvo algumas exceções, como as lendas mais próximas de Franklin Cascaes, popularizando as bruxas de Florianópolis, ou as coloridas tradições açorianas do boi de mamão.

As poucas narrativas locais que ouvi, tratavam sobre a colonização e sobre os imigrantes europeus que se estabeleceram sobre estas terras tendo que brigar por seus espaços com inimigos, os indígenas, que aqui habitavam muito antes deles mesmos pensarem em pisar por aqui. Histórias que vieram da boca de meus avós, carregadas de preconceitos e cacoetes, não por maldade deles, mas porque histórias tomam a forma na qual contamos e ouvimos, muitas vezes entendendo apenas um único ponto de vista da situação. E foi assim que contaram a eles. Assim foi como acreditaram e construíram sua cultura.

Aceitamos esse roteiro sem nos questionarmos que as histórias não possuem apenas um lado. Possuem valores, significados e caminhos. Mas infelizmente, não sabemos o caminho daqueles que perderam a batalha. Daqueles que morreram defendendo suas crenças e, sem forças, não conseguiram espalhar as sementes de sua história para frente.

Mas ainda há esperança de entendermos um pouco mais. Basta nos darmos tempo a ouvir e viver as vozes dos que ainda podem contar suas versões.

Percebendo que narrativas incríveis podem existir bem na nossa frente, prestei atenção a cada linha deste livro que ainda estava tomando forma pela mente do Rafael, aprendendo e me prendendo a cada página e a cada arco que a história ia se construindo. Pude assim entender não apenas o que estava escrito, mas sim, compreender todo subtexto que o Rafael queria dizer nas entrelinhas. Posso afirmar, não como amigo, mas como um leitor crítico, que essa história está carregada de histórias e nuances que irão te fazer se questionar, refletir e, em muitos casos, se sentir culpado da forma como age e pensa.

Rafael nos proporciona dois momentos em tempo e espaço diferentes, contando detalhes de acontecimentos com o cuidado de um historiador, mas com o sentimento do ficcionista que ele se propõe ser. E é.

Você irá entender as motivações de Miguel, irá se aproximar de Beto, irá se irritar com Olavo, irá se identificar com algum personagem pronto para te levar para dentro da história que o Rafael se propõe a contar aqui.

Você perceberá vários contextos, que moldam uma única narrativa. Vários propósitos, alguns distorcidos, outros apaixonados. Relações de afeto, rusgas e preconceitos. Vários personagens que nos geram um espelhamento e nos conectam pelos seus ideias e crenças, ou pelo simples fato de serem diferentes. Dois panos de fundo que se misturam dentro do mágico cenário que é a região sul do Brasil, seus mitos e mistérios. Uma narrativa que nos transporta além da cruz, do tesouro e de suas maldições. Nos conecta com nossos antepassados e com a mágica que aconteceu por aqui séculos atrás.

A forma como Beto e Miguel encararam suas jornadas demonstra o quanto ambos os personagens, mesmo em trilhas diferentes, não quiseram fazer parte de uma história já escrita, mas sim, buscaram construir a narrativa de nosso próprio caminho. Tiveram coragem em seguir e pensar diferente, de quebrar muros e construir pontes com que ligaram as múltiplas formas de olhar. Essa é a riqueza escondida de *Tesouros e Maldições*.

Se somos o que somos graças as histórias que nos contam; se somos moldados dentro de uma realidade escrita e contada na visão de poucos; que possamos ampliar nosso olhar nos permitindo ouvir novas histórias e percebendo o que está ao nosso redor. Se não cultivamos nossas raízes, como nossa árvore irá se manter em pé e dar frutos?

Histórias são alimento, são vida e cultivá-las resgatará o melhor do que podemos ser no futuro. Esse é o verdadeiro tesouro.

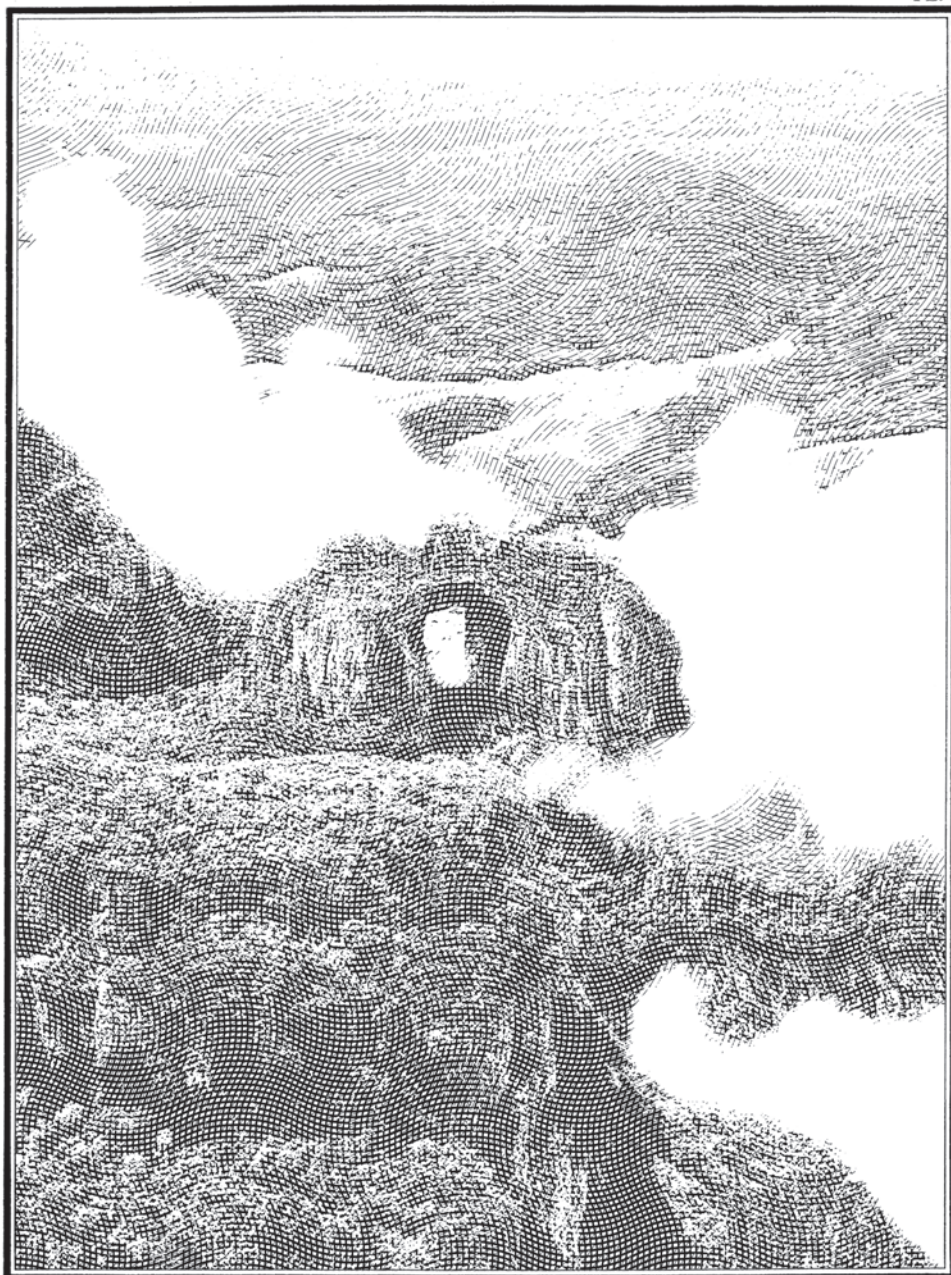
Boa leitura.

DIEGO PIOVESAN MEDEIROS

Publicitário, professor e pesquisador.

*Tem casos de arrepiar. Tesouro que se preze
só se deixa encontrar de noite. Mas não é assim!
Tu ouves barulhos, vês enxames de abelhas,
és malhado por mil patas de cavalos, perdes
a memória, ficas doente e podes até morrer.
É. É preciso ter cuidado. As velas se apagam,
vêm pedras na gente, chuva e granizo. Aparições
mais horrendas não podem haver. Não, quem
se bota nisto tem que ter tutano. Sonhas, recebes
avisos, te pedem rezas e missas. É cumprir o que
pedem. Depois, sim. A gente vai e escava.*

PE. JOÃO LEONIR DALL'ALBA,
O Tesouro do Morro da Igreja



Gravura de J.T. Knoll

Impresso na *Typographia Nacional*.

PEDRA FURADA, 1869. PROVINCIA DE SANTA CATHARINA.

Formação rochosa situada em terras da Princesa Imperial, a senhora Dona Isabel Christina, Sucessora no Throno e Coroa do Império do Brasil, e seu augusto espozô.



Prólogo

Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1959

— Vem cá, Beto — chamou o homem de cabelos acinzentados.

O avô estava sentado ao fundo da sala em um sofá de madeira escura. Os assentos eram almofadões aveludados vermelhos com uma textura de flores em relevo. O sofá ficava de costas para o janelão da varanda do sobrado, que raramente era usada. Da rua, a luz amarelada do poste atravessava a cortina de renda branca.

Era noite de Natal e a família, como sempre, estava reunida para celebrar. A avó, pais, tios e primos estavam ao redor de uma grande mesa com cadeiras de encostos entalhados. Todo o ambiente tinha uma decoração pesada, com móveis da mesma madeira escura do sofá no qual o avô estava sentado sozinho. O chão de parquê bem encerado era coberto em partes por tapetes de couro de boi. Uma decoração que ao mesmo tempo intimidava e atraía Beto, seduzido pelas grandes enciclopédias e livros que ocupavam as estantes, mas principalmente por um objeto que parecia inalcançável para o pequeno garoto. Uma grande águia esculpida em mármore branco com as asas abertas em posição ameaçadora. A escultura ficava no alto de uma estante junto com outras peças estranhas que haviam sido trazidas pelo avô de alguma das suas misteriosas viagens.

Beto estava sentado em uma cadeira olhando para a águia quando o avô lhe chamou. Com um impulso, saltou da cadeira, caminhou até o sofá e sentou-se ao lado do avô. Alexandre Fawcett era grande e corpulento, tinha um rosto comprido, olhos azuis acinzentados pela idade, mãos grandes e um sorriso discreto. Vestia calças bege, camisa xadrez azul com uma caneta no bolso e calçava sandálias de couro. Alexandre era da terceira geração de uma família britânica que se estabelecera no Rio de Janeiro no século XIX.

Com a mão grande e pesada, o avô puxou Beto para perto de si num forte abraço.

— Como foi o ano no colégio? — a pergunta sobre o colégio sempre começava uma conversa entre os dois.

— Normal, vô. Aprovado em todas.

— Notas boas em história?

— Claro — a conversa seguia o roteiro de sempre, mesmo assim o pequeno garoto respondia com um sorriso sincero no rosto.

— Sei que você já está de férias — ele começou em tom de desculpa enquanto esfregava com o polegar a pulseira prateada de elos grossos entrelaçados. Era seu cacoete. — Mas quero aproveitar esse momento e tomar para mim o papel de professor de história.

Beto sentiu-se um pouco chateado. Não queria ter uma aula, mesmo que fosse de história, na noite de Natal. Mas sabia o quanto o avô gostava do tema e tentou não deixar a decepção transparecer.

Porém, a expressão do garoto passou de um sorriso sem jeito para uma cara de surpresa quando o avô tirou um pequeno pacote de presente de baixo de uma almofada coberta com uma capa de tricô.

— Antes da lição, um presente.

— O que é?

— Abre. Depois eu explico.

O embrulho simples foi rasgado avidamente revelando uma pequena caixa de madeira que Beto abriu logo em seguida. No interior forrado da caixa havia um colar de couro com um estranho pingente dourado. Parecia uma cruz, mas, ao contrário do normal, essa tinha um segundo par de braços menor logo acima dos tradicionais da cruz cristã. A cruz em si já era estranha, mas receber aquilo do avô também confundia o garoto. Alexandre era católico, mas nunca se mostrou muito fervoroso. Só era visto em uma igreja em ocasiões especiais como casamentos e batizados. “É um católico apostólico relaxado”, costumava dizer a avô em tom de reprovação.

— É uma Cruz de Caravaca — disse Alexandre notando a confusão no olhar do garoto. — Mas muitos a conhecem como Cruz Missioneira. Essa é de ouro puro.

Beto olhou para o avô com um olhar ainda mais surpreso e confuso. Sabia que ele vivia uma vida confortável e costumava viajar com frequência, mas receber um objeto de ouro de presente era de impressionar.

— Eu trouxe do sul do país alguns anos atrás.

— Deve ter sido cara.

— Não me custou um centavo.

— Como assim?

— Eu a achei — o sorriso do avô se abriu largo, de um jeito que não era comum ver. — É agora que a aula começa.

O garoto havia sido fígado.

— Mas vamos começar pelo início. Há alguns anos, antes mesmo de você nascer, eu e sua avó fomos comemorar nosso aniversário de casamento na ilha de Florianópolis. Foram dias muito agradáveis. A cidade é tão bela quanto o Rio, mas muito mais calma. Em um final de tarde estávamos caminhando por uma tranquila praia no sul da Ilha quando encontrei algo que imaginava que só acontecia em livros de aventura.

Os olhos de Beto estavam fixos nos do avô.

— Na beira da praia, enterrada até a metade, havia uma garrafa. Achei que seria só o que sobrou de alguma festa animada à beira-mar, mas quando chegamos mais perto vi que havia algo dentro. A garrafa era escura, parecia ser muito velha e estava fechada com o que sobrou de uma rolha coberta de conchas e pedaços de corais. Disse para sua avó em tom de brincadeira que só poderia ser a mensagem de um naufrago em uma ilha deserta. Como não era possível tirar a rolha, tive que quebrar a garrafa com uma pedra. O que havia dentro não era papel, mas sim um pergaminho que mudou minha vida para sempre. Estava escrito em espanhol com uma caligrafia muito apressada e tinha uma data: 23 de setembro de 1758.

Beto se ajeitou no sofá, sem tirar os olhos do avô.

— Eram poucas linhas e algumas palavras já estavam apagadas, mas era possível entender o que estava escrito.

— Era de um naufrago de verdade? — interrompeu Beto. — Como Robinson Crusóé?

— Acredito que sim. Quero dizer, não exatamente como Crusóé — o avô mudou de posição, ficou de frente para o neto e abaixou sua cabeça como se fosse contar um segredo. Beto podia sentir o perfume suave que o avô costumava usar. — Era a mensagem de um jesuíta, que provavelmente a escreveu enquanto o navio em que estava afundava. Havia desenhos estranhos. Um parecia uma montanha com um grande furo no topo ao lado de uma igreja. O texto falava sobre os jesuítas e suas Missões onde hoje fica o Rio Grande do Sul. Acho que você não deve ter aprendido sobre eles no colégio ainda, certo?

— Não, ainda não.

— Não quero te aborrecer demais na noite de Natal, então vamos resumir essa parte da história. Com certeza você topará com os jesuítas em breve

— o avô passou a assumir um tom de voz didático. — Os jesuítas eram uma ordem de padres europeus que tinham como missão doutrinar os indígenas brasileiros, convertê-los cristãos. Eles se fixaram em vários lugares do Brasil no século XVII e formaram comunidades junto com os indígenas. Os que se instalaram no sul do país adotaram a Cruz Missioneira como símbolo — apontou para a cruz na mão do neto, fez uma pausa, se arrumou no sofá e continuou. — Porém, eles acabaram ficando no meio da disputa entre Portugal e Espanha sobre quem ficaria com qual fatia de terra no continente.

— O Tratado de Tordesilhas — falou o neto com propriedade.

— Quase — o avô contorceu um lado do rosto e levantou o indicador. — Na verdade, foi o Tratado de Madri. Uma das condições dele envolvia uma troca de terras entre os dois reinados. Os jesuítas e os guarani, que moravam em uma região que pertencia à Espanha, seriam obrigados a deixar suas terras porque a área passaria a ser controlada por Portugal. Houve muita discussão e até uma guerra, por fim, os jesuítas tiveram que fugir.

— Isso tá confuso, vô — a expressão do garoto agora era de quem tinha perdido o fio da meada.

— Certo, vamos para a parte que interessa. Sabe quando isso aconteceu?

— No dia anotado no pergaminho?

— Quase de novo — o sorriso no rosto do avô era de aprovação. — Na verdade, a fuga aconteceu alguns anos antes. E, quando fugiram, os jesuítas levaram consigo muitos de seus pertences. É aí que entra um outro termo do pergaminho — o avô fez uma pausa, colocou a mão em concha próximo a boca e sussurrou — *Tesoro*.

— Eles tinham um tesouro? — Beto parecia incrédulo e encantado ao mesmo tempo.

— Sim. Muito provavelmente eram peças em ouro que enfeitavam as grandes igrejas dos jesuítas. Castiçais e taças, mas também moedas e até mesmo ouro e prata em barras.

— Mas por que eles tinham tanto ouro assim?

— Em parte porque talvez achassem que Deus gosta de ouro — falou em tom de deboche. — Mas também porque ouro e prata eram as moedas da época e eles precisavam negociar coisas com outros locais.

— Eles levaram esse tesouro para o navio e tentaram fugir?

— Acredito que não. Desde que encontrei o pergaminho, comecei a pesquisar sobre isso. Voltei várias vezes para Santa Catarina e o Rio Grande do Sul

desde então. Até acho que essa era a intenção dos jesuítas, mas nunca chegaram a conseguir. Aparentemente eles foram seguidos e em algum momento tiveram que esconder o tesouro.

— Na montanha furada — interrompeu o garoto.

— Exatamente — disse o avô batendo com a ponta do dedo no nariz do neto. — Na verdade eu sei onde fica essa montanha.

— Você encontrou o tesouro? — a euforia tomou conta do garoto.

Ao ouvir a palavra tesouro a mãe de Beto, que estava sentada à mesa com o restante da família, olhou para Alexandre como se estivesse repreendendo uma criança.

— Pai...

— Calma, Júlia. Só estou ensinando história para o garoto.

Olavo, o pai de Beto, parecia irritado e a ponto de se levantar, mas Júlia tocou em seu braço e balançou a cabeça melancolicamente. Foi o sinal para que a dupla pudesse continuar a conversa. Alexandre olhou para o neto, colocou o indicador na frente dos lábios e continuou.

— Não, garoto. Eu não achei o tesouro.

— Mas e a cruz? — perguntou olhando para o colar nas mãos.

— Essa cruz eu encontrei em uma das minhas viagens ao sul. Depois de pesquisar, descobri que a montanha furada fica no limite entre duas cidades, Orleans e Urubici, no sul de Santa Catarina. Desde então, sempre que posso, vou para lá procurar mais pistas. Infelizmente essas viagens têm ficado caras e a idade está cobrando seu preço.

— Beto, vamos embora? — Júlia e Olavo estavam se levantando e começando a se despedir.

— Ah, mãe. Só mais um pouquinho.

— Ah, Júlia. Só mais um pouquinho — Alexandre fez um bico zombeteiro.

— Só o tempo de nos despedirmos.

O avô olhou para o neto por um tempo em silêncio antes de continuar.

— Garoto, nós vamos ter que continuar essa conversa depois. Mas vou te contar um segredo.

Beto se endireitou no sofá e olhou feliz para o avô.

— Mas isso tem que ficar entre nós dois. Promete?

— Prometo.

— Depois de amanhã eu volto para Orleans.

Os olhos de Beto brilharam e ele não esperou o avô terminar de falar.

— Posso ir também?

O avô riu.

— Seus pais me matariam.

— Mas vô... — toda a empolgação sumiu dos olhos e do corpo de Beto.

— Beto, só você e sua vó sabem disso. Se seus pais ou seus tios soubessem, acabaria com nosso Natal. Além do mais, acho que essa vai ser minha última viagem. Vou usar minhas últimas economias e tenho certeza de que desta vez encontro o tesouro — Alexandre desviou os olhos do neto e por alguns segundos seu olhar se perdeu. — Nas entranhas de Teju Jagua.

— Vô...?

— Desculpe. Vou ficar só duas semanas fora e, se tudo sair como planejado, vou trazer outro presente para você. Muito maior dessa vez.

— Mas você nem terminou de contar a história direito.

O avô sentiu orgulho pelo interesse do neto, mas tristeza por não ter tido tempo de falar mais sobre o que havia descoberto. Olhou nos olhos do neto, levantou-se e caminhou até a estante seguido pelo garoto. Parou em frente aos livros, procurou e puxou um de capa verde da estante, retirou um pedaço dobrado de papel do bolso e guardou-o entre as folhas

— Toma, acho que isso vai saciar a sua sede pela história dos jesuítas e as lendas sobre tesouros.

— Beto, agora! — os pais já estavam na porta.

O garoto olhou para o avô, sorriu e abraçou o livro contra o peito. Alexandre fez bagunça nos cabelos do neto.

— Vai, garoto, conversamos daqui duas semanas.

Beto caminhou em direção à porta olhando para o avô, que tinha uma expressão melancólica no rosto. Acenou, abraçou a avó e saiu pela porta. Seria a última vez que a família passaria um Natal reunida. Seria a última vez que veria o avô.



X

Trem de guerra

Campos das Mercês, sul de Santa Tecla, 14 de janeiro de 1756

— Estamos perdidos — pensou em voz alta Lorenzo Balda ao vislumbrar o temido trem de guerra da comitiva de demarcação.

Atarracado, de ombros largos, olhar sério e esparsos cabelos brancos, Balda era padre cura da redução de São Miguel e depois de dias de viagem, finalmente chegava a Santa Tecla. Na estância estavam reunidos os exércitos espanhóis e portugueses responsáveis por fazer cumprir o Tratado de Madri.

Para um padre jesuíta já acostumado com a vida da redução, a imagem dos exércitos coligados impressionava e assustava. Somente da comitiva portuguesa eram mais de mil e seiscentas pessoas, sendo cinco tropas formadas por cerca de mil militares e pouco mais de cento e cinquenta escravizados. Além disso, havia dois temíveis esquadrões de aventureiros vindos de São Paulo e da Vila de Santo Antônio dos Anjos de Laguna.

Além da força militar, quase trezentas pessoas seguiam a comitiva nas mais diversas funções, incluindo carpinteiros, pedreiros, peões, músicos, médicos e até um relojoeiro. Os peões tomavam conta dos cinco mil cavalos, quatrocentas mulas de carga e duas mil vacas para abate.

No encalço da comitiva vinham as bodegas flutuantes e costeiras que se espalhavam pelos rios. Nelas, além de encontrar alento na cachaça, os homens desfrutavam dos serviços das prostitutas que cobiçavam o soldo dos militares e os trocados da comitiva.

Porém, o que mais assustava Balda era o poder bélico que apenas ouvira falar, mas que agora podia ver com seus próprios olhos. Da colina por onde se aproximavam, contou pelo menos uma dezena de canhões e quase uma centena de caixas de munição para as espingardas e pistolas. O trem de guerra, como era chamado todo esse conjunto, cobria um extenso espaço de terra.

O coração do cura pesou ao lembrar dos missioneiros que haviam se enchido de esperança por acharem que os ataques dos guarani às tropas e as ações diplomáticas da Companhia de Jesus, aliadas à enchente do ano

anterior poderiam fazer com que o Tratado fosse revogado. Após dois anos, os missioneiros haviam retomado suas rotinas de produção nas oficinas e nos campos e abandonado qualquer plano militar de defesa além da observação da fronteira.

Cansado da viagem e suando sob a pesada batina escura, Balda sentia o peso da idade e da responsabilidade sobre suas costas. Rugas verticais e profundas marcavam sua testa entre as sobrancelhas, como se estivesse tenso constantemente. Neste momento, ele era o representante dos Sete Povos das Missões, conjunto de sete aldeias guarani fundadas por jesuítas espanhóis a leste do rio Uruguai. Ele sabia que sua viagem era uma última e inútil tentativa de negociar a manutenção das reduções jesuíticas depois que as coroas espanhola e portuguesa haviam assinado o Tratado de Madri.

Segundo o acordo, Portugal cederia a Colônia de Sacramento em troca de uma enorme faixa de terra que adentrava a oeste do novo continente, incluindo as Missões. Pelo Tratado, o território deveria ser entregue sem súditos da Espanha. Sem os guarani, que deveriam emigrar para as Missões do outro lado do rio Uruguai, mas, principalmente, sem os jesuítas.

Não era segredo, entretanto, que os nobres portugueses tentariam a todo custo usar os indígenas pacificados como escravizados, além de aproveitarem-se das riquezas das reduções. Balda já tinha ouvido como os nobres portugueses administravam suas terras. Sabendo disso, não tinha a falsa esperança de impedir a execução do Tratado. Queria negociar a manutenção das reduções sob as ordens da coroa portuguesa e a proteção dos guarani.

Depois de algum tempo perdido em seus pensamentos, foi trazido à realidade pela voz do seu acompanhante na viagem, o padre coadjutor Tadeu Unger.

— Para que tudo isso?

— Os brios destes homens foram feridos, padre Tadeu. Terem sido enganados e atacados pelos guarani, muitos armados apenas com arcos e flechas, tocou suas vaidades e criou uma pesada mágoa. Além disso, depois da enchente, permaneceram meses aquartelados e agora precisam trasfegar esses sentimentos e mostrar seu poder — fez uma nova pausa e esporeou o cavalo. — Vamos — disse desanimado.

Desceram a pequena colina e logo viram dois cavaleiros se aproximando. Eram dois soldados trajando fardamento completo. Calças e coletes azul marinho, casacos da mesma cor com debruns, punhos e golas douradas. As botas

polidas iam até os joelhos. Do lado esquerdo da sela pendia um espadim. Na mão direita empunhavam mosquetes. Nas cabeças os imponentes capacetes com penachos também azuis.

— Mandaram Dragões para receber-nos? — perguntou o coadjutor.

Os Dragões do Rio Pardo formavam um regimento militar português que atuava como cavalaria ou infantaria e serviam tanto para defesa quanto para ataque. O grupamento, um dos poucos com organização realmente militar, tinha por objetivo garantir, via presença e apoio bélico, as demarcações.

— Orgulho, padre Tadeu — suspirou Balda. — Orgulho.

Os dois cavaleiros se aproximaram dos padres e, depois de um cumprimento com a cabeça, o que parecia mais velho falou em português.

— Bom dia, vossas reverências. Vossa excelência, o Marquês de Valdelírios, já os aguarda.

— *Buenos días* — cumprimentou Balda. Depois continuou em um português carregado de sotaque. — Agradecemos *por la recepción y la* presteza do Marquês em receber-nos.

O cavaleiro mais velho acenou novamente com a cabeça, puxou as rédeas da montaria e dirigiu-se para o acampamento. Os padres foram guiados pelos dragões através das tendas, dos barris de pólvora e das caixas de munição e granadas de mão.

A mensagem está clara, Marquês. Pensou o cura.

Quando chegaram a uma grande tenda identificada com o brasão da coroa espanhola, o cavaleiro mais jovem saltou da montaria, tomou as rédeas dos cavalos dos padres e fez sinal para que desmontassem. Enquanto isso, o soldado mais velho entrou na tenda. Saiu alguns instantes depois e, seguindo a entrada de lona, disse num espanhol forçado e carregado de falsa cortesia.

— *El Marqués de Valdelírios los aguarda*.

— *Gracias* — responderam os padres e entraram na tenda.

A tenda provavelmente servia como uma sala de reuniões e planejamento dos oficiais espanhóis. Era ampla e quase sem mobília. Tinha apenas uma mesa com oito cadeiras, um baú e alguns cavaletes com mapas da região. O Marquês estava sentado à mesa onde um desjejum estava sendo servido.

Gaspar de Munive León Garabito Tello y Espinosa, o Marquês de Valdelírios, já passara dos cinquenta anos e tinha um semblante cansado. Era baixo, mas tinha postura de nobre. Além de ser o responsável espanhol

pelas demarcações, tinha atribuições diplomáticas. A principal era a de convencer os jesuítas a cederem as Missões. Ao ver os padres, fez sinal para que os criados saíssem, levantou-se e cumprimentou educadamente os visitantes.

— Vossas senhorias devem estar afadigadas da carreira. Façam a mercê de sentarem-se e acompanhem-me no desjejum — falou em espanhol indicando cadeiras.

— Obrigado, vossa excelência, mas estamos servidos e descansados. Pernoitamos em Santa Tecla — Balda inclinou a cabeça numa mesura discreta e sentou-se. — Novamente gostaríamos de agradecer por receber-nos — depois de uma pequena pausa completou. — E pela escolta.

— Uma imposição descomedida do Visconde — disse o nobre tentando usar um tom ameno, pois sabia que não ajudaria citar o nome de Gomes Freire de Andrade, o Visconde de Bobadela, governador e capitão-general da Capitania do Rio de Janeiro e responsável português pela demarcação.

O Marquês serviu-se em silêncio e logo após começar a comer, Balda falou.

— Caro Marquês, não queremos tomar-vos tempo. Por isso, com toda estima, acho que podemos deixar de lado as amenidades e tratar do assunto que nos trouxe aqui — apesar de direto, o tom de voz de Balda era calmo e respeitoso.

O Marquês levou uma xícara até os lábios e olhou para os dois homens.

— Padre, já que o senhor decidiu pelo tom direto, permita-me prosseguir — sem dar tempo para o padre replicar, continuou. — Acredite-me quando digo que, como cristão, compreendo e creio em vossa santa missão, mas cá não há alternativas. O Tratado é claro e a coroa portuguesa vem compelindo-me a fazer com que estas terras sejam entregues sem súditos da Espanha — tentava manter um tom ameno. — Desde a assinatura do Tratado venho recebendo vossas rogativas. O senhor já escreveu-me usando a justificativa que o espaço de tempo para mover os guarani era curto, pois precisariam esperar pela colheita para que não morressem de fome. Ou que precisariam esperar pelo tempo de parição dos animais para retirá-los das querências. Isso sem contar os maus tempos e aguaceiros — o Marquês tirou um papel do bolso do paletó e colocou-o sobre a mesa. — Essa carta é de 1752, padre — pronunciou a última frase com uma voz levemente alterada.

Os padres mantinham-se calados. Padre Tadeu olhava para a carta em cima da mesa e Balda para o Marquês. Seu semblante era de abatimento. Antes que o cura pudesse argumentar, Valdelírios continuou.

— O gabinete português julga que vossa presença aqui hoje como apenas mais um estratagema da Companhia de Jesus para ganhar tempo e continuar tramando a defesa de seus interesses. Alguns acusam que a falta de sujeição à Coroa é a prova de que as Missões, sob a tutoria dos jesuítas, portam-se como Estado emancipado. Emancipado e inimigo. O senhor entende o que isso quer dizer, padre?

— Eu entendi a posição da coroa portuguesa quando vi o desmesurado trem de guerra parado sobre a planície, Marquês — Balda baixou a cabeça. — Mas creia-me, estou aqui em nome das milhares de almas que serão perdidas caso esse conluio entre os monarcas seja promovido.

— Posso garantir-vos, padre, que uma das minhas incumbências aqui é garantir que os guarani ultrapassem com segurança o rio Uruguai.

— E a segurança daqueles que se recusarem a sair? É certo que a verdadeira intenção da corte portuguesa é livrar-se da presença da Companhia de Jesus nestas terras. Assim poderão escravizar as comunidades dantes abrigadas sob a proteção das Missões. Elas são os únicos santuários legados aos guarani. Sem o arrimo da coroa espanhola, eles não têm proteção.

— É isto que está em questão aqui, padre?

— Sim, a continuidade do labor de Deus.

— O que estaria em questão não seria a continuidade da existência da Companhia de Jesus na América? — a postura do Marquês havia se enrijecido. — O que seria da Companhia sem as comunidades guarani? Como ela continuaria mantendo o controle da produção e exportação da erva-mate? Aliás, esse controle não seria uma prova de que os interesses das comunidades amparadas pela Companhia entram em conflito com os interesses da Coroa?

— Não *controlamos* a exportação, Marquês — a ênfase que Balda deu na palavra saiu mais agressiva do que ele pretendia. — E todo o trabalho de produção e venda da erva-mate tem como único objetivo a manutenção das Missões.

— Para a Corte está mais do que comprovado, que nos últimos três anos a Companhia de Jesus vem sabotando todos os procedimentos referentes ao Tratado, com o objetivo nítido de inviabilizá-lo. Acredite-me, padre, na Europa esse é só um dos argumentos que a Corte sugere como ato de traição dos jesuítas.

— *Traição?* — Balda quase perdeu o controle. — Será que nossos soberanos esquecem das gerações de missioneiros e guarani que morreram

na defesa das fronteiras contra as atrocidades dos paulistas? Vão agora marchar contra as Missões *junto* aos portugueses? Esperam mesmo que os guarani abandonem as Missões que lhes deram refúgio contra as piores perseguições dos colonos? Esperam que eles aceitem de bom grado que os mesmos portugueses contra quem lutaram tomem suas casas e terras? Creia-me, Marquês, — Balda levantou-se — mesmo que não seja o desejo da Companhia de Jesus, os guarani vão resistir e defender sua terra.

Fez-se silêncio. Balda se percebeu que estava de pé e hesitou. Voltou a sentar. O Marquês ouvira a explosão do cura calado, com a cabeça baixa, cotovelos apoiados nos braços da cadeira e as mãos trançadas em frente aos lábios. Sem alterar-se, olhou para o padre e falou.

— Essa terra agora é território de Portugal, padre. E o exército de demarcação vai avançar, nem que seja pela força. Temos como intuito estar em São Miguel em abril, então esperamos que a Companhia de Jesus use o tempo que lhe resta para desocupar todas as reduções. Não haverá mais audiências. Cartas e apelos serão ignorados — o nobre fez uma pausa e com os olhos baixos continuou. — Contra minha vontade, os oficiais portugueses concederam o direito de pilhagem às tropas caso tenham que desocupar as reduções à força. Os blandengues já estão fazendo os cálculos do logro.

Enquanto as tropas luso-brasileiras eram compostas por soldados regulares, o exército espanhol possuía uma formação diferente. Era constituída em sua maioria pelos temidos blandengues. Uma tropa de paisanos arregimentados formada por homens de campo, desertores, criminosos de vida gauchesca habituados a roubar os rebanhos missioneiros. Apesar de algumas dessas tropas serem financiadas por colonos, a maioria era alimentada pelas histórias sobre a enorme riqueza e a suposta existência de tesouros nas sete cidades das Missões.

Não havia mais motivos para o Marquês esconder o tom de ameaça, por isso continuou.

— Existe uma tropa de paisanos que conquistou o direito de estar na vanguarda dos ataques. Ela é comandada por José Patrón.

Os padres estremeceram ao ouvir o nome de Patrón, padre Tadeu teve um espasmo involuntário e arregalou os olhos. A fama sanguinária da tropa de gaudérios de Patrón vinha sendo construída desde os primeiros conflitos do processo de demarcação. Com quase nenhuma formação militar, o montevideano era versado no idioma guarani e preferia “solucionar” problemas pela espada.

— A coroa portuguesa está disposta a fazer vistas grossas para os estupro e a pilhagem da tropa de Patrón — continuou o Marquês. — Creio que firmaram um acordo em que, caso não haja desocupação, eles devem tomar posse dos supostos tesoiros das reduções. Uma parte deverá ir para os portugueses e outra para o bando.

O cura ficou surpreso com a menção aos tesouros. Era sabida a considerável quantidade de moedas de ouro e prata, que os próprios guarani tinham como fruto da venda dos produtos plantados nas reduções. Também se conhecia a riqueza produzida pelas imensas estâncias de criação de gado espalhadas pelo pampa e de propriedade da Companhia. O que poucos realmente conheciam eram as obras e peças sagradas que adornavam as igrejas das reduções, uma grande parte delas feita de ouro ou prata pelos próprios guarani. Balda sentiu-se derrotado.

O Marquês levantou-se, contornou a mesa e pôs a mão no ombro de Balda.

— Abril, vossa reverência. Até lá a Companhia pode convencer os guarani insurretos a desistirem da amotinação. Até lá podem tentar proteger o vosso tesoiro. Ou aquilo que vos for mais valedouro.

O Marquês se dirigiu para fora da tenda. Ao chegar na saída, virou-se para os padres e, com ar pesaroso, falou:

— Temos tendas preparadas para os senhores, caso queiram pernoitar aqui e continuarem a carreira de volta descansados — fez uma pausa e finalizou. — Antes que me esqueça, Gomes Freire pediu para que eu ressaltasse que é mister que vossa reverência mantenha vosso alferes real sob controle.

— Partiremos agora — respondeu o cura irritado. — Pernoitaremos em Santa Tecla. E quanto a Sepé, não tenho controle sobre ele. Sua alma temente a Deus às vezes é suplantada pelo seu amor por essa terra.

— Como queiram. Boa viagem e que Nosso Senhor Jesus Cristo vos acompanhe e vos dê prudência — acenou com a cabeça, virou-se e saiu da tenda.

Padre Tadeu, que permanecera calado durante a conversa, falou.

— O que faremos, senhor?

— Vamos voltar o mais rápido possível para São Miguel. Tentarei uma última vez convencer os guarani a atravessarem o rio em paz. E vossa mercê, padre Tadeu, tratará de proteger o que nos é valioso.